

AS QUEIXAS ESCOLARES E AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA LEITURA: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO

Helio Ferreira De Oliveira¹
Ellery Henrique Barros da Silva²
Fauston Negreiros³

RESUMO

O estudo tem como objetivo descrever perspectivas teóricas acerca das dificuldades encontradas na leitura mediante levantamento bibliográfico em torno dos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Sócio-Histórica. Assim sendo, seguiu-se uma metodologia qualitativa, do tipo bibliográfica, e quanto aos seus objetivos, classificou-se como exploratória, efetuando levantamento de construtos acadêmicos dos últimos 30 (trinta) anos, contemplando estudos em livros, artigos científicos, dados sócio-demográficos de institutos de pesquisa. Constatou-se, portanto, que a discussão sobre as dificuldades que permeiam a escolarização no sistema educacional requerem um olhar particularizado, contextualizado com as especificidades de cada contexto educativo. Não obstante, quando se refere à leitura, verifica-se ainda a presença de um entendimento naturalizante acerca do aluno, evidenciando-o como centro da culpabilização quando emergem obstáculos a esse perfil de aprendiz. Em suma, compreende-se que o levantamento de literatura científica realizada no presente estudo, pode impulsionar aos pesquisadores em educação um olhar crítico acerca da temática.

PALAVRAS - CHAVE: Queixa Escolar. Dificuldades de Aprendizagem. Leitura.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho vem expor as dificuldades da leitura nos pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Socio-Histórica. Por conseguinte ressaltar que é por meio da leitura que se torna possível formar cidadãos ativos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social. Nesse sentido, afirma MARTINS (1994, p.07):

¹ Graduando de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: heliofelizz@hotmail.com

² Graduando de Pedagogia na Universidade Federal do Piauí – UFPI. Participa do Programa de Extensão Comunidade Manga e Sustentabilidade Pesqueira da UFPI. E-mail: elleryhbs@gmail.com.

³ Doutor e Professor Adjunto da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar – PSIQUE. E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br.

O ato de ler não se resume apenas na leitura de livros, jornais e revistas. Nós podemos ler uma situação, uma atitude, um olhar, um objeto, enfim, podemos ler através dos sentidos, das emoções e da razão. Quando começamos a levar para nossas vidas o que lemos, ou levar pra leitura nossas experiências de vida, então está procedendo à leitura.

Contudo para uma contextualização maior optou-se por um estudo bibliográfico a partir de construtos acadêmicos dos últimos 30 (trinta) anos, contemplando estudos em livros, artigos científicos e dados sócio-demográficos de institutos de pesquisa.

Dando uma continuidade se faz necessário discutir sobre as queixas escolares e dificuldades de aprendizagem em prol de descobrir um pouco do universo da leitura e quais os problemas encontrados pelos professores e alunos ao ler.

As queixas e dificuldades escolares

Cotidianamente muitos são os problemas encontrados na escolarização como a violência, a baixa autoestima, os baixos salários, a infraestrutura dentre outros aspectos. Esses fatores são denominados como queixas escolares. Segundo Souza (1997):

Os acontecimentos vividos pela criança na escola são interpretados como um sintoma de conflitos de seu mundo interno e de sua relação familiar que, por ser inadequada e ou insuficiente, traz consequências para o desenvolvimento deste aluno e por conseguinte ao processo de aprendizagem. (p. 19)

Assim, o que acontece no dia-a-dia influencia no desenvolvimento da criança causando grandes consequências. O fato de crianças não seguirem o mesmo ritmo que as demais não implica dizer que ela tenha algum transtorno, distúrbio, déficit de atenção, mas que cada um possui uma particularidade que deve ser respeitada e aprimorada através de suas habilidades.

Nesse contexto a dificuldade de aprendizagem é algo que envolve vários aspectos e não uma singularidade, então, é mais que necessário entender primeiro o que seria essa dificuldade para que não sejam tomadas medidas errôneas. Como afirma, Stefanini e Cruz (2006, p. 91) mostram que, “a definição Dificuldade de Aprendizagem (D. A) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que se manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas”.

Estudos apontam que os problemas na aprendizagem são apenas centrados nos alunos, fazendo com que o profissional da educação passe a lançar um olhar patologizador, pois é bem mais fácil e cômodo colocar culpa no outro do que em si mesmo, levando a criança ao fracasso escolar. (CALDAS, 2005)

No início do século XX a linguística se caracterizada enquanto ciência, ganhando um papel de destaque nos assuntos relacionados à linguagem. Anos depois foram surgindo novas teorias como o Empirismo de Skinner em sua base behaviorista através de comportamentos e ações, ao Racionalismo de Noam Chomsky onde afirma em sua teoria que só através do contato com outro falante é que será ativada a fala, ou seja, a criança convive, produz e adquire a linguagem. E ao interacionalismo de Vygotsky e cognitivismo de Piaget, onde a relação do sujeito com o meio é possível estabelecer esse vínculo com a linguagem. (MONTREZOR E SILVA, 2009)

Nessa perspectiva muitas são as dificuldades encontradas na leitura e também na escrita, uma vez que cada uma delas permanece unida, desde questões neurológicas. Durante a infância são inseridos muitos códigos no cotidiano dessas crianças e a partir disso elas começam a relacionar as letras e os sons e entrar de fato dentro do mundo da leitura. (SMITH, 2012).

O mundo da leitura

A leitura é um conhecimento adquirido através de práticas da vida surgindo muito antes do contato com o universo dos textos. PAULO FREIRE (2009).

Tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (p. 12).

A leitura é algo importante para a formação social do indivíduo, pois proporciona uma gama de saberes fundamentais para a identidade do ser enquanto

elemento humano e indispensável a sociedade, se expressando através da arte, da escrita, do som e diversas outras formas. (FREIRE, 2009)

Através deste recurso fabuloso, se consegue o total domínio da palavra, traçando idéias e conhecimentos, sendo possível entender o mundo em volta, transformando e se transformando, ao abrirmos a mente para o desconhecido se passa a construir um mundo melhor para todos.

Por meio da leitura é possível resgatar reminiscências bem especiais, que fazem parte do meio cultural. Essa cultura remetida é dada com a finalidade a formar cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém ela se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada. Nesse sentido, FREIRE (2009) afirma que:

De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, que dizer, de transformá-lo através de nossas práticas consciente. (p. 20).

Assim pode-se ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

Ao ler um texto ou um livro, é possível interagir e se sentir parte não propriamente com o texto, mas como leitores virtuais, que são constituídos no próprio ato da escrita. O autor cria em seus textos e o leitor ao ler dele se apropria. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo a influência de estabelecer relações entre os leitores reais ou virtuais. Nessa perspectiva, escreve MARTINS (1994):

Também as investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: apreendemos a ler lendo. Eu diria vivendo. (p. 12).

O conceito de leitura na maior parte das vezes está relacionado com a decifração dos códigos lingüísticos e sua aprendizagem. No entanto, não se pode deixar de levar

em consideração o processo de formação social deste indivíduo, suas capacidades, suas habilidades e sua cultura política e social.

Ainda MARTINS (1994), define que ler é possuir as bases de uma educação adequada para a vida, que visa o desenvolvimento das capacidades intelectuais através da interação do conteúdo lido, possibilitando ao cidadão integra-se a sociedade através do conhecimento adquirido; ou seja, é a justa relação entre o sujeito com o universo das letras, assim ele percebe que esta dentro de um mundo paralelo e que ele também faz parte. Mostrando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação de novos horizontes. Nessa ótica, MARTINS (1994) afirma que:

Saber ler e escrever, já entre os gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres. (p. 22).

Dentro de toda uma sociedade, de uma cultura, não se pode esquecer, que a peça fundamental de todo o processo de leitura, primeiramente, somos nós. Ler também faz parte de um contexto pessoal.

SARTRE (1984), em seu relato autobiográfico, mostra uma perspectiva mais realista, porém não menos interessante sobre a inicialização da leitura, em que mostra que ler está além das letras impressas no papel. Em sua obra argumenta como foram suas primeiras experiências com a leitura, sendo o seu primeiro livro intitulado: “Tribulações de um chinês na China”.

[...] transporte-me para um quarto de despejo; aí, empoleirado sobre uma cama de armar, fiz de conta que estava lendo: seguia com os olhos as linhas negras sem saltar uma única e me contava a história em voz alta, tomando o cuidado de pronunciar todas as sílabas (...) fiz com que me surpreendessem _, gritaram admirados e decidiram que era tempo de me ensinar o alfabeto. Fui zeloso como catecúmeno; ia a ponto de dar a mim mesmo aulas particulares; eu montava na minha cama de armar com o Sem família de Hector Malot, que conhecia de cor e, em parte recitando, em parte decifrando, percorri-lhe todas as páginas, uma após outra: quando a última foi virada, eu sabia ler. (SARTRE, 1984) (p. 15).

O simples ato de ler passou a ser uma fantástica aventura, onde as barreiras do mundo não passavam de meras casualidades para ele. Sartre passou a enxergar os livros, o ato de ler, com outros olhos, mostrando que a leitura vai além de todas as perspectivas existentes, se nos deixarmos envolver por ela. A curiosidade passa a ser a necessidade de alimentar o imaginário, desvendar os segredos existentes e dar ao leitor o conhecimento de si mesmo através da maneira que lê e encara o mundo. Dando a impressão de que o mundo está ao alcance, não só em compreender, aprender a conviver melhor, mas até modificar à medida que está incorporado nas experiências vividas através da leitura.

Quais as dificuldades que encontramos ao ler?

Existem várias dificuldades encontradas ao tentar fazer qualquer tipo de leitura: às vezes levados por um sono profundo, a ansiedade para terminar rápido a leitura antes mesmo de começar, um pré-julgamento do livro ou texto a ser lido, a insistência por parte de educadores para que os alunos “leiam”, muitos capítulos de um livro em um só semestre, entre outros. FREIRE (2009) destaca:

Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas às vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muitas mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. O que importa não é a Quantidade de páginas e sim a Qualidade da leitura. (p. 17).

Para FREIRE (2009), a maior parte das pessoas hoje não tem por hábito a leitura diária de um jornal, uma revista, como fim de manter-se atualizado e integrado com as diversas notícias que surgem a cada instante. Tais pessoas mantêm suas vidas restritas apenas à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes. Por terem opiniões parecidas com as suas, como uma conversa informal entre amigos, forma-se um grande círculo vicioso, onde as informações ficam restritas, não havendo um foco crítico e concreto, somente dados expostos de formas simples e sem julgamentos.

Hoje muito leitores deixam de adquirir um conhecimento mais profundo, com uma leitura mais detalhada do conteúdo assim, se constrói uma memorização mecânica do que esta sendo lido, porém não se apreende o que esta lendo. Portanto, destaca FREIRE (2009) que:

Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (p. 17).

Segundo as estatísticas apresentada pela edição de 2012 da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência mostra que os brasileiros estão cada vez mais trocando o hábito de ler jornais, revistas, livros e textos na internet por atividades como ver televisão, a assistir filmes em DVD, reunir-se com amigos e família e navegar na rede de computadores por diversão.

Número de leitores caiu 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa Hábito de ler perde espaço para TV, tempo com amigos e diversão on-line. Enquanto 24% dos brasileiros têm esse hábito, 85% costumam ver TV.

A pesquisa, revelou uma queda no número de leitores no país: de 95,6 milhões, registrada em 2007, para 88,2 milhões, com dados de 2011. O índice representa uma queda de 9,1% no universo de leitores ao mesmo tempo em que a população cresceu 2,9% neste período.

Foram entrevistadas para a pesquisa 5.012 pessoas em 315 municípios brasileiros entre 11 de junho e 3 de julho de 2011. Os entrevistadores classificam como leitores quem leu pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. O resultado de 88,2 milhões de leitores corresponde a 50% da população total de brasileiros com 5 anos ou mais (178 milhões).

Ler, de fato, não é tarefa simples, pois exige do leitor o trabalho sensível e inteligente de desconstrução do texto, ou seja, de reconhecimento das partes principais do texto. Porém com atenção e dedicação, a leitura será uma tarefa fácil e proveitosa para nossas vidas como educando, educadores ou cidadãos.

O processo formativo ensejado pela leitura

O ato da leitura é muito mais do que simplesmente ler um artigo de revista, um livro, um jornal. Ler se tornou uma necessidade, é participar ativamente de uma sociedade, desenvolver a capacidade verbal, descobrir o universo através das palavras, além do fato que ao final de cada leitura nos enriquecemos com novas idéias, experiências. Assim, afirma ROCCO (1994):

A leitura não se constitui em um ato solitário, nem em uma atividade monológica do indivíduo, pois esse indivíduo, ao ler um texto, um livro, mas com os leitores virtuais criados pelo autor e também com esse próprio autor. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo, pois, a incumbência de estabelecer relações plurais entre leitores reais e virtuais, que são plurais também, já que o ato de ler só se dar verdadeiramente entre “um leito virtual que é constituído no próprio ato da escrita” e um leitor real, na medida em que esse leito imaginário, criado pelo autor, “dialoga com esse leitor real” a parti, dessa inter-relação, institui-se a atividade fundamental de leitura. (p. 39).

A leitura é uma atividade prazerosa e poderosa, pois desenvolve uma enorme capacidade de criar, traz conhecimentos, promovendo uma nova visão do mundo. Além disso. A compreensão crítica do ato de ler contribuir para a melhor formação do ser humano como pessoa. É neste sentido que FREIRE (2009) afirma que:

A compreensão crítica da importância do ato de ler veio para Paulo Freire constituído, através de sua prática. No ginásio sua experiência na percepção crítica dos textos que lia em classe com a ajuda do professor de língua portuguesa. Não eram momentos de puros exercícios para dar nos contar da existência de uma página escrita que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada” em vez de realmente lida, não eram aqueles momentos “lições de leitura”. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta, procura. (p. 16).

Freire afirma que como professor de português, nos seus vinte anos, viveu intensamente a importância do ato de ler e de escreve com alunos das primeiras séries do chamado curso ginásio. A curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo de textos, de autores, ora deles próprios como objetos de estudos a serem desvelados, era fundamental para aprendizagem. “Como professor de português, nos

meus vinte anos, vivi intensamente a importância do ato de ler e de escrever, com alunos das primeiras séries do então chamado curso ginásial”. (p. 16).

A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo”, de transformá-lo através de nossa prática consciente. Para Paulo Freire este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais, do processo de alfabetização. Enfim, A importância do ato de ler implica sempre percepção crítica, interpretação e re-escrita do lido.

Uma pessoa que ler muito seu vocabulário é muito grande, para um bom desempenho lingüístico é necessário uma leitura com disposição para ler com competência, pois assim o leitor terá uma quantidade de informação sobre quase todos os domínios do conhecimento, sabendo hierarquizá-las, estabelecendo as devidas correlações entre elas e discernindo as que se implicam das que se excluem, utilizando-as apropriadamente como recursos argumentativos para sustentar suas idéias. Outro dos pontos principais que não podemos deixar de citar é a família, pois é através dela que normalmente surge o primeiro contato com a leitura.

Em uma sociedade em que a maioria dos pais trabalha fora, ou não tiveram acesso à leitura, o tempo para dedicar-se à formação de seus filhos como leitores é cada vez menor. Resta à escola o compromisso de desenvolver esta habilidade em seus alunos, ressaltando que no âmbito escolar, é o seu caráter interdisciplinar o traço de maior relevo, já que interfere decisivamente no aprendizado de todas as demais matérias do currículo. Assim, GOULART (2006) enfatiza que:

A relação entre a escola, a leitura e a vida pode ser muito significativa se não distanciarmos os elos dessa cadeia. A melhor coisa que fazemos por nossos alunos é criar espaços na sala de aula para conversas, para manuseio e leitura de materiais escritos variados e situações em que escrevam atendendo a múltiplas propostas, para que possam se tornar íntimos de diversos tipos de texto que, na sociedade letrada, cumprem funções específicas e diferenciadas. (p. 70).

Dessa forma, a escola tem como prioridade a aprendizagem da leitura, “aprender a ler” para, então “ler para aprender”, quer dizer, apropriar-se de uma competência para compreender os diferentes tipos de textos, existentes no seu contexto social, e também fora dele.

Entretanto é importante motivar os alunos para que lembrem das diversas e diferentes razões para lermos. Lemos para obter informações, para receber instruções,

para obter e aprofundar conhecimentos. Nesse sentido, a leitura tem uma função ao mesmo tempo social e individual. Assim fala FREIRE (2008, p. 11) “A compreensão do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto é possível constatar diversos problemas na leitura que explicitam as tendências naturalizantes frente aos discentes. Embora existam algumas dificuldades ao se tentar ler, com muito esforço e vontade de aprender é possível vencer barreiras, porém é necessário que os docentes esqueçam esse olhar patologizador frente o que acontece com o aluno e passar a se auto avaliar para que não sejam tomadas medidas erradas e atrapalhem o desenvolvimento desse sujeito.

Dos resultados obtidos constatou-se que as dificuldades encontradas no meio escolar necessitam um olhar mais humano levando em conta a subjetividade e essência de cada pessoa. Quanto a leitura se evidencia a centralização no aluno atribuindo rótulos e comparações que fazem um retrocesso na sua construção.

A relevância dessa pesquisa é apresentar uma temática inovadora para impulsionar novos pesquisadores em educação um olhar mais crítico e inovador o que indica com isso, a necessidade de realização de estudos mais contextualizados com cada realidade, integrando todos os sujeitos envolvidos com tal fenômeno.

REFERÊNCIAS

CALDAS, Roseli Fernandes Lins. **Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual.** Psicologia: Teoria e Prática – 2005, 7 (1): 21-33

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?/** Maria Helena Martins, 19. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARTRE, Jean-Paulo. **As palavras**. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 6ª Edição, 1984.

STEFANINI, M. C. B e CRUZ, S. . A. B. **Dificuldades de aprendizagem e suas causas: um olhar do professor de 1ª a 4ª série do ensino fundamental**. Educação, janeiro-abril, ano/vol. XXIX, numero 058. Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil pp. 85-105

MONTREZOR e SILVA. **A dificuldade no aprendizado da Língua Inglesa**. Edições Unifoa. edição nº 10, agosto de 2009.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da Leitura na Sociedade Contemporânea e o Papel da Escola Nesse Contexto**. Maria Thereza Fraga Rocco. Série Idéias n.13. São Paulo: FDE, 1994. p. 37-42.
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_1.

Práticas de leitura e escrita / Maria angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília Ministério da Educação, 2006.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.